

calar com o matraquear das metralhadoras o grito de revolta de um povo que não se rendeu, nem se renderá, à pretendida pereneza de um Governo de força, e não de direito.

Ainda há dois dias, um ditador arrependido, Alejandro Lanusse, confessava:

— "É preciso rechaçar por completo todos os tipos de messianismo de grupos que são ou se acreditam poderosos. Estes pensam que através de sua ação, isolada, serão capazes de o país precisa. Entretanto, com todos os defeitos que tem, o sistema democrático é a única forma de todos nos comprometermos e participarmos de igual."

Ao saudar, em nome do Movimento Democrático Brasileiro, aos parlamentares americanos aqui reunidos para a posse do Presidente Costa e Silva, preferi essas palavras, que a sucessão dos anos não envelhecem:

— "Há mais de um século, John Russell exclamava na Câmara dos Lordes:

"Quando me perguntam se uma nação se acha amadurecida para a liberdade, respondo: existe algum homem amadurecido para ser despota?" Pesquisa histórica constataria que, através dos séculos, os ditadores vão utilizando, de geração em geração, o mesmo espelho mágico em que, quanto mais se miram, mais se vêem ornados de qualidades alheias, enquanto os defeitos aparecem pendurados no peito dos adversários."

Acabo de dirigir-me, e, também, subscrever o requerimento do ilustre Senador Luiz Viana Filho, Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, não só à ONU e a OEA, na qualidade de Presidente do Parlamento Latino-americano, mas igualmente a todos os congressos que o compõem, solicitando-lhes que manifestem seu público e veemente protesto contra a cruel repressão que manchou de mais sangue a marcha do povo chileno em favor da normalidade democrática, sem conseguir calar o som cada vez mais estridente das panelas vazias, brado de revolta e canto de esperança, até que se restaurem a paz e a ordem constitucional na gloriosa terra onde, por três séculos, a bravura dos araucanos resistiu à dominação estrangeira.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

O Sr. Luiz Viana — Sr. Presidente, peço a palavra para uma breve comunicação.

O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho) — Tem a palavra o nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Para uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Acredito que a forma mais eloqüente, para traduzir os sentimentos e o pesar da Nação, ante a comunicação que desejo fazer à Casa seria dizer: morreu Alceu de Amoroso Lima.

Era ele, sem dúvida, e com isso creio que não pretiro ninguém, hoje, a maior figura intelectual do Brasil.

Não era romancista, não era poeta, não era orador, não era jornalista dos militantes, talvez pudéssemos tê-lo como um crítico. Mas, nessa condição de crítico, ocupando durante largos anos as colunas da imprensa brasileira, ele se tornou, não somente pela sua cultura e pela sua inteligência, mas sobretudo pela sua bravura, pela firmeza das suas convicções, das suas idéias, da sua ação, um píncaro na intelectualidade brasileira.

Convertido ao catolicismo, no fim da década de 20, e convertido por Jackson de Figueiredo e Leonel Franca, participou daquele grupo católico que fundou o Centro Dom Vital.

Bastaria o nome escolhido, Dom Vital, o grande bispo do Recife, para que logo se visse que, o que eles desejavam, era uma igreja militante, uma igreja atuante, uma igreja presente na vida do País. E realmente, essa igreja aí está e deve ser compreendida, entendida, mesmo nos momentos em que dela divirjamos.

O Sr. Aderbal Jurema — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muita honra.

O Sr. Aderbal Jurema — Senador Luiz Viana, Pernambuco, onde Dom Vital teve a sua atuação maior, quer se associar às manifestações de profundo pesar que V. Ex^a traz a esta Casa pelo desaparecimento de Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Athayde do modernismo brasileiro, o crítico literário que deu à profissão de julgar as letras como que um status de supremo tribunal da cultura. Um crítico literário que depois se sentiu tocado pela graça e transformou-se em um crítico de idéias, quando, seguindo exemplos de Jackson de Figueiredo, foi um combatente de primeira hora por um cristianismo maritainiano, que, ainda hoje, repercute na formação daqueles escritores brasileiros de após guerra; um crítico de idéias que, em pleno regime de exceção, nunca fugiu às suas posições, quer erradas ou certas, mas firmes, francas e leais. É este homem que V. Ex^a diz representar, sem dúvida, a maioridade cultural do País. E nós estamos de acordo, Senador Luiz Viana, porque V. Ex^a, do alto da sua majestade de historiador sem mácula, está, neste instante, nesta Casa, que é, sem dúvida, a Casa do Povo brasileiro, está fazendo também História, História como sempre soube fazer, ao assinalar o desaparecimento de Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Athayde das letras brasileiras.

O SR. LUIZ VIANA — Ao agradecer o aparte de V. Ex^a, eu peço licença para dizer à Casa que o eminente Líder, Senador Aloysio Chaves, me permitiu dizer neste momento, que fala não somente no meu nome pessoal, mas também em nome da Liderança do meu Partido.

O Sr. Aloysio Chaves — Nobre Senador Luiz Viana, o meu partido e a liderança não poderiam encontrar figura mais expressiva para fazer este pronunciamento do que V. Ex^a, pelo seu talento, pela sua cultura, pelos laços que o ligavam a Alceu de Amoroso Lima, escritor, ensaísta, crítico literário, filósofo, pensador católico, de cujo movimento foi líder incontestável em todo o Brasil. V. Ex^a com ele conviveu muitos anos e pode, portanto, dar à Casa, na dimensão exata, o perfil deste brasileiro extraordinário. V. Ex^a fala em nome da Liderança, com muita honra para a liderança do partido, e em nome do PDS.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço a V. Ex^a a honra que me dá.

O Sr. Hélio Gueiros — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

O Sr. Hélio Gueiros — Desejo, Senador Luiz Viana, em nome do PMDB, me associar à justa homenagem que V. Ex^a presta, em nome do Senado, à figura de Alceu de Amoroso Lima. E quanto a uma biografia rápida, V. Ex^a já a fez, juntamente com o Senador Aderbal Jurema, e mais ainda o Senador Aloysio Chaves. Eu desejo apenas ressaltar, nobre Senador Luiz Viana, a extraordinária, a incomensurável participação de Alceu de Amoroso Lima no processo de reabertura democrática no Brasil, que hoje nós estamos vivendo. Ele mostrou que a idade não é fator para se afastar os grandes homens públicos do Brasil da liça política. E ele, com seu talento, com sua bravura cívica e com seu exemplo, conseguiu dar uma parcela

muito importante para esse processo de redemocratização do País. Chegou, inclusive, eminente Senador Luiz Viana, a ser vetado, ocasionalmente, pelo jornal onde escrevia, mas a sua força moral era tanta que o jornal lhe pediu desculpas e ele voltou a escrever nesse jornal, sempre com o mesmo brilho, o mesmo talento e a mesma bravura cívica. Em nome do PMDB eu me associo à homenagem que V. Ex^a está prestando nesta hora.

O SR. LUIZ VIANA — Ao agradecer o aparte que me distingue o nobre Senador Hélio Gueiros, desejo acentuar que, realmente, um dos aspectos que marcarão os últimos anos de vida de Alceu de Amoroso Lima foi a sua coragem, a sua coragem de permanecer nas colunas de jornais durante todo o período que decorre de 64 até hoje, expondo sem o menor constrangimento, sem o menor receio as suas idéias. Com isso, ele, que já tinha a admiração da Nação, conquistou também o respeito de todos nós. Realmente, é admirável que um homem, que já se aproximava dos 90 anos de idade, doente — e a doença o acompanhou por cerca de cinco ou seis anos — que ele, nesse estado físico, nessa idade, que lhe permitia o repouso, o recolhimento, continuasse com o mesmo entusiasmo, com a mesma bravura, com a mesma capacidade de ação que demonstrou até o fim de sua vida. Já internado na casa de saúde onde faleceu, em Petrópolis, foram vários os artigos que publicou no *Jornal do Brasil*, nas últimas semanas, em todos eles demonstrando aquela mesma lucidez, aquela mesma inteligência clara, volta-dada para os fatos que marcam a sua gloriosa vida de brasileiro. Não digo de escritor, Sr. Presidente, porque Alceu de Amoroso Lima está acima disso. O que que é, na realidade, não só um grande escritor, mas um grande brasileiro. E é esse brasileiro, Sr. Presidente, que hoje desaparece, aos noventa anos de idade, para entrar na glória da imortalidade, deixando seu nome como um marco de luz na história da cultura, da inteligência e da coragem do Brasil.

O Sr. Nelson Carneiro — V. Ex^a me dá licença de um aparte, nobre Senador Luiz Viana?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

O Sr. Nelson Carneiro — V. Ex^a, ao fazer o necrológico ou a exaltação da vida de Alceu de Amoroso Lima, não representa apenas o pensamento do Partido Democrático Social nem do Partido do Movimento Democrático Brasileiro; V. Ex^a representa o pensamento de todo o Senado Federal. E poderia dizer, por extensão, de toda a Nação brasileira, que acompanhou durante anos, durante muitos anos, a trajetória desse eminente brasileiro, que V. Ex^a coloca realmente como um padrão acima de qualquer tradição, de escritor, de poeta, de pensador, de crítico, realmente, de um grande brasileiro. E porque V. Ex^a está a encerrar o seu discurso, eu pediria, se não lhe causasse moza, permitisse, para o estudo e exame das gerações que hão de vir, permitisse incluir no seu discurso, como um documento à parte, o artigo que hoje Antônio Carlos Villaça publicou no *Jornal do Brasil* e que é uma síntese da vida pública de Alceu de Amoroso Lima.

O SR. LUIZ VIANA — Eu agradeço a colaboração de V. Ex^a e, embora ainda não tenha tido oportunidade de ler o artigo a que V. Ex^a se refere, estou certo de que, não somente pelas altas virtudes de escritor, de crítico, de Antônio Carlos Villaça, mas também pelos profundos laços que o ligavam a Alceu de Amoroso Lima, ninguém mais indicado para dele, neste momento, traçar um perfil.

Realmente, o que fazemos no momento, e V. Ex^a disse bem, é exaltar a figura de Alceu de Amoroso Lima. Não temos ainda o tempo necessário para dele fazer o perfil que merece, dando-lhe o lugar a que tem direito, sem qualquer favor, na vida intelectual do Brasil.

O Sr. Jorge Kalume — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer, nobre Senador Jorge Kalume.

O Sr. Jorge Kalume — Sempre fui um admirador do jornalista Alceu de Amoroso Lima e por isso eu quero me associar à justa homenagem que V. Ex^a está prestando a sua memória, e dizer que esses são dois jornalistas que bem se enquadram num pensamento que diz: "Há homens que quando morrem não desaparecem de toda a face da terra, ficam com a cabeça de fora vendo gerações e os anos passarem." Muito obrigado.

O SR. LUIZ VIANA — Eu agradeço a V. Ex^a e posso lhe assegurar que entre as figuras do porte que V. Ex^a menciona estará, sem favor, na vida do Brasil, Alceu de Amoroso Lima. Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem)

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. LUIZ VIANA EM SEU DISCURSO:

De Alceu a Tristão e de novo a Alceu

Antônio Carlos Villaça
Arquivo JB — 12-9-1959

A vida de Alceu de Amoroso Lima — Tristão de Athayde — dividiu-se em duas partes: antes e depois da conversão ao catolicismo, em 1928. Alceu foi erudito, professor universitário, crítico de idéias, ensaísta e líder social. Sua obra, que abrange um conjunto de 80 livros publicados, girou em torno de problemas religiosos, filosóficos, literários, jurídicos, econômicos, pedagógicos, sociais.

Alceu era carioca, nascido no vale das Laranjeiras a 11 de dezembro de 1893, em plena revolta da Armada. Seu pai queria que ele se chamasse Floriano, porque era um florinista exaltado; mas a mãe sugeriu Alceu, o nome do poeta grego que amava a liberdade. Passou a infância na Casa Azul que ele evoca numa página belíssima escrita quando a demoliram, em outubro de 1940. Machado de Assis, que era seu vizinho, escreveu versos de ocasião para o seu batizado.

Rui Barbosa e Afonso Arinos (o velho) também frequentavam a Casa Azul; e de Arinos, Alceu ouviu as primeiras estórias do sertão de Paracatu. Estudou as primeiras letras em casa, com um renovador da pedagogia, João Kopke.

No Ginásio Nacional, onde foi fazer as humanidades, estudou literatura brasileira com Coelho Neto; e em 1909 entrou para a Faculdade de Direito, no casarão da Praça Quinze. Seria colega de Ronald de Carvalho, Rodrigo Otávio Filho, Leonidas de Rezende. Seus professores foram chamá-lo Silvío Romero, Souza Bandeira, Afonso Celso, Cândido Mendes, Rodrigo Otávio, Inglês de Souza. Em 1912, dirige a revista *Época*, a que dá um cunho mais literário do que jurídico.

Formado em 1913, viaja pela quarta vez à Europa, em companhia de Rodrigo Otávio Filho. Percorre toda a Itália, e ouve as aulas de Bergson no Collège de France, em Paris. Estava em Paris quando começou a Guerra de 1914. Voltou ao Brasil por Lisboa.

Foi trabalhar no escritório de Souza Bandeira, advogado, escritor e acadêmico, que lia para ele os versos que da Suíça lhe mandava um sobrinho, Manuel Bandeira. De 1911 a 1917 esteve às voltas com a advocacia; e em 1917 passou ligeiramente pelo Itamaraty.

Um ano depois, resolveu casar-se com Maria Teresa de Faria, filha de Alberto de Faria e irmã do futuro escritor, Otávio. Empregou-se no escritório do pai, que era dono da fábrica de tecidos Cometa. Tornou-se diretor da empresa, e uma espécie de consultor jurídico.

Do casamento, nasceram sete filhos, ao longo de vinte anos: Maria Helena, que seria tradutora, Sílvia, Maria Teresa, que se tornou monja beneditina e é hoje abadessa do Mosteiro de Santa Maria, em São Paulo, Jorge, Al-

ceu, Paulo e Luis. Desde 1951 até agora, Alceu escrevia diariamente, para a filha monja, cartas às vezes muito longas, manuscritas. Não estará porventura aí a obra-prima do escritor, o seu diário espiritual?

"A Conquista lenta e cotidiana da liberdade, como condição da justiça, é o caminho que a nossa inenovelável paciência nacional tem de seguir."

Alceu Amoroso Lima, 1972.

Renato de Toledo Lopes convidou Alceu, em março de 1919, para ser o crítico de um jornal que reuniria os novos de então — Miguel Osório de Almeida, Carlos Delgado de Carvalho, Manuel Amoroso Costa. A 17 de junho de 1919, nasceram juntos *O Jornal* e a crítica literária de Tristão de Athayde.

O primeiro artigo assinado com este pseudônimo começava com estas palavras tão características: "Fizeram-se os programas para o prazer de os mal cumprir..." O segundo seria sobre Lima Barreto. Alceu já escrevera artigos esparsos no *Jornal do Commercio* ou na *Revista do Brasil*; mas em 1919 surgiu o crítico que foi, ao longo da década de 20, o intérprete do modernismo — isto é, da renovação das nossas letras. Através do rodapé de crítica de Tristão, várias gerações descobriram o valor da literatura e se orientaram a respeito de autores e livros.

No exercício dessa crítica militante, ele nunca se prendeu a grupos ou modismos. Foi sempre um crítico independente e largo, sem sectarismos, sem intolerância. Atacou a Viagem Maravilhosa, de Graça Aranha, que era seu amigo e estava no ouço da glória. E valorizou uma brochura de autor novo e desconhecido. A Bagaceira, de José Américo de Almeida.

Em 1922, publicou seu primeiro livro, um estudo sobre Afonso Arinos (o velho), escrito pedido de Jackson de Figueiredo, em que há um admirável ensaio a respeito do sertanismo e uma introdução em que nos propõe a sua concepção de crítica literária — o expressionismo crítico. Essa crítica expressionista logo tendeu para um "globalismo crítico" que abrangesse a totalidade do fenômeno literário e do fenômeno humano. Sua crítica foi sempre aquele humanismo crítico de que outros no Brasil foram também seguidores, como Roberto Alvim Corrêa, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, um criticism of life, a crítica em contato com a vida.

Se os mestres da sua juventude inquieta tinham sido Anatole France, Machado de Assis e Eça de Queirós, os fecundadores da sua mocidade foram Croce, Barbusse e Proust. Gostava da poesia de Mallarmé; e da música de Wagner. Comentaria infatigável das letras universais, trouxe para o Brasil nomes como Leher, Garrie, Ducastillon, Dubos Gilson, Jounet, Papini Marcel, Péguy e Bernanos, Bloy e Claudel, Maritain e Merton.

Soubes valorizar e interpretar Cornélio Pena e Jorge de Lima, Murilo Mendes e Augusto Frederico Schmidt, Otávio de Faria e Guimarães Rosa. Raquel de Queiróz e José Américo, Lúcio Cardoso e José Lins do Rego. A sua crítica foi eminentemente não sistemática, aberta, não programática, por vezes dilacerada entre o ético e o estético, mas sempre compreensiva e curiosa.

Em 1928, houve o grande acontecimento da sua vida: a conversão ao catolicismo, por "influência de Maritain, Chesterton e Fulton Sheen. Alceu conhecera Jackson de Figueiredo em 1918, graças a Afrânio Peixoto. Tornaram-se amigos, e em 1924 começou entre Jackson e Alceu uma correspondência que só terminou com a morte prematura e trágica de Jackson em 1928, aos 37 anos. As cartas de Jackson foram publicadas depois da sua morte, e são um documento importantíssimo da história espiritual do Brasil.

O encontro com Jackson representou para Alceu a vitória sobre o ceticismo. Ele dizia adeus a Anatole e se punha a ler Bernanos e Péguy. Na carta famosa a Sérgio Buarque de Holanda, Alceu disse em 1928 o seu Adeus à Disponibilidade.

Por esse tempo, Alceu teve uma preocupação muito viva e muito intensa com a loucura. Chegou a reunir uma pequena biblioteca a respeito, que depois doou à PUC. A conversão veio através dessa meditação sobre a loucura, isto é, sobre os limites do homem, ou o caos do cosmo. Um dia, ele definiu o fenômeno poético como a passagem do caos ao cosmo.

Sob a influência do impetuoso Jackson de Figueiredo e do padre Leonel França, Alceu se aproximou da cultura católica e da vida litúrgica. A 15 de agosto de 1928, recebeu a *Eucaristia das mãos do grande jesuíta, na igreja de Santo Inácio*.

Sua tendência, nos dias que se seguiram à conversão, se resumiu em abandonar a crítica de livros, exercida por 10 anos, e preparar teses para concursos universitários, num desejo nítido de inserir-se no debate ideológico através do magistério universitário.

Iniciou-se na filosofia tomista através do livro de Gredt. E seu mestre ficou sendo Jacques Maritain, cujos livros *Primaute du Spirituel* e *Trois Reformateurs* tiveram enorme influência no seu espírito.

Morto Jackson dois meses e meio depois da conversão de Alceu, ficou este sob a influência de duas personalidades que se completavam, o padre França e o Cardeal Leme. Os companheiros de Jackson o conduziram à direção do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. E ele, um pouco a contragosto, aceitou essa missão de suceder a Jackson essa investidura de líder social.

Termina o período da primazia do estético ou do literário, e começa um período eminentemente ideológico ou doutrinário. O crítico literário será substituído pelo crítico de idéias, pelo ensaísta, pelo doutrinário.

Alceu voltará à crítica. Fará, primeiro, só crítica a livros estrangeiros. Depois, voltará aos nacionais. Mas agora numa perspectiva mais ideológica. O grande livro desse período é *O Espírito e o Mundo*, de 1936, em que nos fala de Gabriel Marcel, entre outros. Fase de intensa militância, em que fundou (1932) o Instituto Católico de Estudos Superiores, germe da Universidade Católica.

Aos 42 anos, e-fo chefe da Ação Católica, nomeado por D. Leme. No ano seguinte, 1935, é nomeado para o Conselho Nacional de Educação, onde permanecerá até 1969. Em agosto de 1935, entre para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Miguel Couto.

Viajou pelo continente, nessa época, e escreveu seu livro mais vendido — *Idade, Sexo e Tempo*. Em 1941, tornou-se professor de literatura brasileira da Universidade do Brasil e da Universidade Católica. Faria concurso, em 1947, para a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com a tese sobre o crítico literário, cátedra de que se aposentou em 1963.

Permaneceu em *O Jornal* de 1919 a 1945, com pequeno intervalo. Em 1945, deixava simultaneamente a crítica regular e a liderança da Ação Católica. Em junho de 1947, assumia no *Diário de Notícias* a seção "Letras e Problemas Universais", que durou dezenove anos, sem interrupção. Terminou em julho de 1966, com a morte do suplemento literário. Mas em abril de 1958 a sua colaboração se iniciara no *Jornal do Brasil*, duas vezes por semana.

Colaborou assiduamente para *La Prensa*, de Buenos Aires. Em 1937 foi eleito membro da Academia Argentina de Letras. Em 1947, para a Academia Uruguia de Letras. Logo depois da II Guerra, iria a Montevideo fundar com Manuel Ordoñez, Dardo Regules, Rafael Caldera, Eduardo Frei Montalva o movimento democrata-cristão na América Latina.